

Uma Pedagogia da Implicação

e do Compromisso

Viver a Escola nos tempos da troika



Ana Paula Silva

Ficha técnica

Título: Uma Pedagogia da Implicação e do Compromisso - Viver a Escola nos tempos da troika

Autora: Ana Paula Silva

Editor: José Matias Alves

Prefácio: José Matias Alves

Paginação: Francisco Martins

Local de edição: Porto

Edição: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

ISBN: 978-989-54364-5-3

Nota editorial: os textos aqui reunidos foram inicialmente publicados na página de Facebook do Católica Porto Educação durante os anos de 2013 a 2015. Em regra, os textos eram publicados às sextas-feiras. Optou-se por dispor os textos pela ordem cronológica da sua publicação para ser mais fácil entender o contexto político vivido.

Índice

Prefácio.....	7
Uma Pedagogia da confiança	7
1. Universo Paralelo ou as razões de uma escrita	24
2. Se eu fosse ... ministra da educação	25
3. “Por quem os sinos dobram” ... amanhã?.....	26
4. Há frases assim...que são alimento.	28
5. Aluga-se este espaço ...o monstro já não mora aqui!	29
6. O significado da escola... quando o pior são as férias.....	31
7. Pedagogia sem afeto é como comida sem tempero.....	32
8. A pedra angular	34
9. Determinismo ... ou acaso?	36
10. E agora fica tudo como está ...e para o ano há mais?	38
11. Lideranças Servidoras	39
12. A melhor Profissão do Mundo.....	40
13. Filho é, pai será ou como transformar um problema em parte da solução	42
14. Acreditar é o caminho	44
15. “Mestres da palavra ou mestres da desilusão? “	45
16. Kit de sobrevivência profissional [I] (para o ano letivo 2013-14).....	47
17. Kit de sobrevivência Profissional [II].....	50
18. Kit de sobrevivência Profissional [III].....	51
19. Kit de sobrevivência profissional [IV]	54
20. Uma visão estratégica do 1º dia de aulas.....	56
21. Ser professor em tempos de crise.....	58
22. Era uma vez um imenso Jardim.	59
23. Educação Integrativa	61
24. Como manter o foco quando o nosso mundo está “de pernas para o ar”?	64
25. Sendo garantia de qualidade.... uma prova de aferição para políticos, já!.....	66
26. O erro de Pandora	69
27. Fundamentalismos e paradoxos.....	71
28. A maldição intemporal de Cassandra	73
29. A aula dentro da aula.....	75

30.	O “coração” da Escola.....	77
31.	Yes YOU can	80
32.	Uma lição de Natal.....	83
33.	Uma geração de (des)esperança?	85
34.	Bem-vindo 2014.....	88
35.	Vocação, Resignação, Resiliência ou Teimosia?	89
36.	Colegialidade procurada versus colegialidade artificial	91
37.	A essência da liberdade	92
38.	“Tempestade Perfeita “	94
39.	Um novo Mega Agrupamento na floresta.....	95
40.	Vida nova, nova vida?	97
41.	Acerca de um não livro	98
42.	Pronto-a-pensar.....	102
43.	Alunos transparentes	104
44.	A aula de História: Uma questão de vida ou de morte....	106
45.	Professores Heróis.....	109
46.	Alunos Heróis.....	112
47.	O direito ao seu sorriso.	115
48.	Crescer	117
49.	A sociedade da (não) comunicação	119
50.	Uma promessa de abril.....	121
51.	As palavras certas	124
52.	Cultivar a memória	127
53.	E se a magia falha?	130
54.	Não quero falar..., mas preciso que me escutem.....	132
55.	A motivação extingue-se por falta de uso.....	135
56.	A destruição de um sonho ou a revolta do mensageiro	137
57.	Porque a aprendizagem é um bumerangue	139
58.	O bom senso não tem idade.....	141
59.	O fator clima de escola	142
60.	E a ameaça e a ansiedade tornaram-se um ritual anual	144
61.	De roda em roda.....	146

62.	Areias na engrenagem.....	148
63.	De que cor é a tua esperança?	151
64.	A inesquecível professora Carolina	152
65.	A redenção de Maléfica.....	154
66.	Uma equipa improvável.	156
67.	As dores do crescimento ou um bom (re)começo	158
68.	O (falso) dilema do reformador: arriscar ou (apenas) riscar?	160
69.	Uma booklist que é mais uma playlist.....	163
70.	Procurar o conhecimento e não apenas respostas	166
71.	Por mares nunca antes navegados.....	167
72.	A diferença entre falar do que se sabe e saber do que se fala	170
73.	“Se eu fosse a minha mãe? Fugia de casa!”	172
74.	O poder subestimado do “bom exemplo”	175
75.	Formação contínua: interessada ou “interesseira”?.....	178
76.	Contradições ...e falta de argumentos.	180
77.	LER. Faz toda a diferença.....	182
78.	Nos bastidores de um olhar sem luz	185
79.	O Insustentável significado dos rankings das escolas.....	186
80.	A emergência de uma geração de “falsos dilemas”	188
81.	Abrir o Baú da Esperança em 2015	191
82.	Quem disse que não se importam?.....	193
83.	SER LIVRE PARA FICAR	195
84.	Ser professor é não deixar de ser aluno.....	197
85.	Numa fatia de pizza	199
86.	Propedêutica Emocional.....	202
87.	Em democracia, o debate é a “alma do negócio”	204
88.	Porque também são escola.	206
89.	Ser ou não ser ... é uma construção.	209
90.	A lição desta semana: ser mulher.....	211
91.	Todos sabemos muito mais	215
92.	Viver é festejar a vida.	217
93.	Aprender é sair da indiferença	219

94.	Bom dia alegria.....	221
95.	Surdez opcional	223
96.	O insondável mundo das sondagens	225
97.	O valor do xis	227
98.	E agora?	228
99.	(a)Moral da história	229
100.	Mal- entendido (s)	231
101.	A ficção da fixação.	233
102.	Quanto vale um bom exemplo?	236
103.	Professores itinerantes.....	238
104.	Por que voltamos?.....	241
105.	Quando o difícil facilita	243
106.	Poupar no farelo, estragar na farinha.	246
107.	Educação escolar: que ética para a vida humana?.....	249
108.	Pedagogia do compromisso	251
109.	Um (outro) conto de Natal	254

Prefácio

Uma Pedagogia da confiança

José Matias Alves

(jalves@porto.ucp.pt)

Às sextas-feiras reclamarei o direito ao sonho, ao projeto, à crença de que o mal é sempre provisório e o bem uma meta possível. Às sextas viajarei para o reino da possibilidade onde os olhares ainda acreditam e as palavras têm sentido, onde ser professor é ser inventor de caminhos e mensageiro de oportunidades. (APS)

Tive o privilégio de ser professor de mestrado da Ana Paula Silva na Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa. A inspiração de a convidar para escrever regularmente na página do Facebook do *Católica Porto Educação*. E nesta sequência, ter aceitado escrever várias centenas de textos. E tenho ainda a honra de ser seu colega neste difícil ofício de ensinar, porque o seu pensamento, a sua ação e a sua escrita dignificam uma profissão que tem de ser construída no seu interior como desde há muito tempo vem defendendo António Nóvoa.

A Ana Paula Silva (APS) escreve um mapa do ser e do estar na docência. Os seus textos bem poderiam inspirar um tratado de pedagogia, essa ciência e essa arte que alguma academia, na sua ignorância, considera menor e dispensável. Por isso, decidi escrever um prefácio em torno de algumas chaves (ordenadas alfabeticamente) que poderiam caracterizar a pedagogia em ação. O que os leitores aqui vão poder ler é um catálogo breve de uma pedagogia do saber e do sabor que se revelam poderosos agentes de formação de profissionais que se dedicam ao desenvolvimento de seres humanos, à construção de uma humanidade crítica e solidária. E nesta circunstância, não posso deixar de evocar o célebre texto de Pierre Bourdieu:

Ensinar não é uma atividade como as outras. Poucas profissões serão causa de riscos tão graves como os que os maus professores fazem correr aos alunos que lhe são confiados. Poucas profissões supõem tantas virtudes, generosidade, dedicação e, acima de tudo, talvez entusiasmo e desinteresse. Só uma política inspirada pela preocupação de atrair e de promover os melhores, esses homens e mulheres de qualidade que todos os sistemas de educação sempre celebraram, poderá fazer do ofício de educar a juventude o que ele deveria ser: o primeiro de todos os ofícios.

(Pierre Bourdieu, 1986)

São estas virtudes, generosidade, dedicação, entusiasmo e *desinteresse* que eu vejo nestes textos que vou procurar ler. E que revelam uma pedagogia constituída por um extenso campo lexical: 1. Acreditar, 2. Afeto, 3. Alegria, 4. Amor, 5. Autonomia, 6. Autoridade, 7. Beleza, 8. Complexidade, 9. Colaboração, 10. Compromisso, 11. Comunicação, 12. Confiança, 13. Construção, 14. Desafio, 15. Escuta, 16. Esperança, 17. Inclusão, 18. Integração, 19. Investigação-ação, 20. Liberdade, 21. Maternagem, 22. Memória, 23. Mudança, 24. Otimismo, 25. Paternagem, 26. Persistência, 27. Promessa, 28. Redenção, 29. Reinvenção, 30. Serviço, 31. Sorriso. Toda uma pedagogia de alta densidade.

Chamei a este prefácio *Uma Pedagogia da Confiança*. Também poderia ser uma pedagogia da esperança, uma pedagogia do entusiasmo, uma pedagogia do compromisso. E estariam bem. Mas penso que a confiança é um conceito chave e em déficit na nossa profissão. Confiança num conhecimento atualizado, atento e transformador. Confiança numa profissão que pode ser a *primeira (e a fundadora)* de todas as outras. Confiança nas aprendizagens (e na felicidade) dos alunos. Confiança na escola, enquanto organização e instituição. Confiança num presente que queremos melhor. E num programa de redenção das muitas misérias humanas.

Acreditar

Numa das célebres máximas, Vergílio Ferreira escreveu um dia: *ver para crer. Crer para ver*. O acreditar é uma atitude permanente nestas narrativas. Como diz a autora:

“Reconverto o pensamento de Gandhi: “Não existem caminhos para acreditar. Acreditar é o caminho”. Penso que este deve ser o mote de ação de todos os professores que em setembro se preparam para mais uma viagem onde nem todos os passageiros embarcam por prazer.”

Acreditar na perfeitibilidade do ser humano. Acreditar que todos podem aprender. Acreditar que o conhecimento é uma alavanca poderosa para a dignidade e para a transformação social. Acreditar que o professor (e a escola) podem fazer a diferença. Acreditar que a *minha* escola pode ser diferente e melhor porque eu lá trabalho. Acreditar que o *todo é mais do que a soma das partes, mas não há todo sem partes*. Estas são algumas das manifestações possíveis de uma crença que é mais do que isso: é

uma evidência empiricamente validada em muitos contextos e circunstâncias da ação docente.

Afeto

Como refere a autora: “Afeto, rigor e qualidade não inimigos, são companheiros e juntos tornam a vida do professor muito mais fácil e facilitam uma proficiência do ensino muito mais efetiva. É assim que vejo a pedagogia de afeto: aquela que consegue, lentamente, induzir no aluno a vontade de aprender. Que consegue deixar um gostinho de quero mais. Que estimula e desperta os sentidos para o novo, para o criativo, para o polêmico.”

Esta disposição (esta atenção) é uma pedra angular no estabelecimento de uma relação que pode ativar a vontade de ser e estar no processo de aprendizagem. Mostrar que se gosta do outro enquanto pessoa única, distinta e diversa. Mostrar que se gosta da sua presença, se possível ativa e empenhada. Mesmo nos contextos tão propícios à desesperança, ao alheamento, ao abandono, mostrar um *bem-querer* humano é essencial para a construção de uma pedagogia da confiança e da implicação.

Alegria

Foi Rubem Alves quem escreveu um livro maravilhoso chamado a “Alegria de Ensinar”. Neste belo livro se enunciam as razões e os sentimentos que tornam viável esta alegria: a descoberta, a surpresa, o espanto, a revelação, a beleza, a criação... são disposições que nos podem fazer sorrir e gostar do que fazemos. A pedagogia da alegria não dispensa a tristeza, o desânimo, o desalento e a frustração de ser professor, sobretudo nos contextos sociais e políticos em que estas narrativas foram escritas. Mas isso não invalida a procura e a fruição da alegria que nos faz querer continuar.

Transcrevo duas sequências que ilustram esta busca:

- “Mas, como a professora disse, estamos a falar do conhecimento, então, podíamos dizer: A escola sem alegria é um longo caminho cheio de pedras...” - retocou outro dando uma pincelada interessante na frase do filósofo.

Gostei. “Devíamos colocar isso na entrada de todas as escolas” - disse eu com ar de aprovação.”

E num relato que faz de uma vivência profissional de alguém que trabalhava no estrangeiro, volta a reclamar este sentido de urgência:

“É urgente que se encontre o caminho que traga a cada um a alegria que vi naquele profissional. Longe da sua casa, da sua família (creio ter dito que tinha quatro filhos com quem falava todos os dias) a nostalgia da separação era amenizada pela alegria do reconhecimento e importância social do seu trabalho. Pelo grande entusiasmo, pela sua realização profissional.”

Amor

Escrevia Santo Agostinho: Ama e faz o que quiseres. Se calares, calarás com amor; se gritares, gritarás com amor; se corrigires, corrigirás com amor; se perdoares, perdoarás com amor. Se tiveres o amor enraizado em ti, nenhuma coisa senão o amor serão os teus frutos.

E escreve a nossa autora: “Amar para sempre é difícil porque para sempre é muito tempo.... O tempo desgasta e a sua erosão deve ser compensada com imaginação.

Vinicius de Moraes dizia que: “todo o amor é eterno..... enquanto dura “. Para durar é preciso ser resistente, mais, é preciso ser resiliente, triunfador em todas as ameaças de falsificabilidade. Amar é também continuar a gostar não só pelo, não só porque, mas apesar.”

É assim a ação docente que a Ana Paula verbaliza. Uma interação que faz do amar o próximo uma disposição vital. Mesmo quando há o confronto, a ameaça, o obstáculo, o *apesar de*.

E numa tipologia de amores possíveis reclama até uma disposição de **amor total**: “é um professor (são a maioria) que tem pelo ensino um amor completo representando aquilo que, na versão original, Sternberg considera um modelo teórico de relacionamento ideal. De acordo com a apropriação desta teoria no não livro de que agora falo, este amor permite a quem o sente, sentir-se realizado nele e por ele, não se conseguindo imaginar feliz com qualquer outra profissão. Pelo amor ao ensino ultrapassa todas as dificuldades, reinventa formas para que este se mantenha jovem, “ligado”, comprometido e fiel. É um amor que combina harmoniosamente o melhor de todas as formas de amor pelo ensino. É um amor incondicional.”

Não creio que a maioria dos professores possua *este amor* pelo ensino e pela profissão. Se assim fosse, a profissão estaria num patamar social de mais elevado reconhecimento e teria o poder de influenciar uma política educativa que os não desautorizasse frequentemente. Mas este é o ideal da Ana Paula. Vê mesmo - de forma extensiva - o que não existe na sua *paixão* pelo ensino.

Autonomia

Uma pedagogia da autonomia é quase uma redundância. A pedagogia tem de possuir o poder de deliberação, o poder de adequar o ensino aos contextos e às pessoas. No célebre triângulo pedagógico de Houssaye, nem o professor nem o aluno podem estar no “lugar do morto”. Quem está (deve estar) no “lugar do morto” é o currículo e o programa prescrito porque sendo imprescindível não pode ditar e determinar a ação docente.

A este propósito, interroga-se a autora: “Pode a escola autónoma tomar decisões essenciais de diferenciação pedagógica, de recompensa do mérito de quem lá trabalha, de organização letiva, por exemplo, com equipas educativas? Porque a tutela confia e só assim pode esperar (exigir) resultados positivos desse privilégio? Muito dificilmente. Pode a dita escola autónoma, mais prosaicamente, comprar o papel higiénico em falta sem esperar autorização central?”

Evidentemente que a autonomia é por definição relativa. E é, para mim, também evidente que as escolas e os professores poderiam e deveriam assumir o seu poder de especialista e intervir mais no espaço público. Seria um exercício de autoridade e de autorização. E a educação e o ensino seriam melhores se esta reivindicação ocupasse um lugar central na atividade docente.

Aliás, como também bem refere a autora: “A escola deve ousar exigir a autonomia que lhe permita aspirar a um equilíbrio homeográfico (equilíbrio superior ao já alcançado). Só se assumindo como um sistema vivo autopoiético a Escola poderá efetivamente fundar e sustentar uma identidade que se assuma como um projeto e uma visão de ensino. Um sistema orgânico onde todos os órgãos estejam umbilicalmente ligados no propósito de manter o corpo saudável sabendo que a falência de um compromete a saúde de todos. “

Autoridade

A autoridade que aqui importa relevar é a decorre de um conhecimento profissional que faz crescer o outro. É uma autoridade de serviço, ao serviço do desenvolvimento do outro. Autoridade é o participio passado do verbo latino AUGERE que significa “aumentar, fazer crescer”. E, de algum modo, um professor só o poderá ser se reivindicar e praticar a capacidade de criar as máximas oportunidades de aprendizagem dos seus alunos. Se os fizer crescer nos planos cognitivo, afetivo, social, relacional. Por isso, a autoridade do professor é também auto-construída a partir do seu conhecimento científico e pedagógico. E, por isso, um professor não pode deixar de ser um autor que é reconhecido pelo outro na sua ação. A pedagogia da autoridade é, assim, uma pedagogia da afirmação do conhecimento e do reconhecimento.

Beleza

A pedagogia da beleza encontra as suas raízes na arte e mundo da botânica. Nos jardins. No desabrochar dos botões das árvores. Nas pinturas da capela Sistina. Na harmonia da construção que ensaiamos. Na visão do crescimento do ser humano. Como refere a Ana Paula: “As raízes da profissão docente estão na Grécia, não estão em Esparta. Os Espartanos defendiam que até o belo tinha que ser útil. A beleza do que se produzia era um fator acessório. Os gregos, no entanto, afirmavam que até o útil deveria ser belo. Porque a beleza do que fazemos é essencial. Para produzir o belo é preciso muito mais do que fazê-lo por dever. É preciso estar motivado para o fazer.”

Complexidade

Ensinar a todos e a cada um, quando todos são diferentes, possuem inteligências, interesses e ritmos diferentes, quando se tem 150 ou 200 alunos é uma ação de uma enorme exigência e complexidade. Como refere a autora, “vi sempre a escola como um microcosmo social, uma arena privilegiada onde se cruzam vivências muito diferentes, perspectivas do mundo díspares e sobretudo onde se tentam harmonizar, diplomaticamente, personalidades e afetos. (...) As escolas são macro organizações e por isso esta dinâmica é, também, fundamento da sua qualidade. Mas a sustentabilidade desta dinâmica depende de fatores muito específicos, dos quais distingo três: a liderança, o trabalho colaborativo e sentido de profissionalidade docente.”

Uma pedagogia da complexidade requer, pois, esta atenção aos diversos círculos da ação, uma adequação às circunstâncias e às pessoas, uma lucidez capaz de ver para além das *lisas superfícies organizacionais*, para além do palco, e mergulhar no icebergue que toda a escola é.

Colaboração

A atividade docente, sendo tradicionalmente uma ação individual e solitária, ganharia muito se fosse concebida e praticada numa lógica de colegialidade e de colaboração. Se o modelo organizacional privilegiasse um ensino por equipas educativas responsáveis por um alargado grupo de alunos (um ano ou ciclo) e que tivesse o poder de planeamento, monitorização e avaliação desses alunos. A turma (e o conselho de turma) são obstáculos a uma visão e a uma prática mais articulada e integrada, como temos largamente sustentado (Formosinho, Alves e Verdasca, 2016). E a autora também reconhece esta necessidade de “encontrar formas de pensar colaborativamente a articulação, a flexibilização e sequenciação curricular ou apenas de aferir critérios e balizas disciplinares”, ainda que dentro da prisão da turma que é, na maior parte das vezes, um espartilho.

Defende, por outro lado, uma “colegialidade procurada, assumida como uma necessidade e urgência. Esta encontra formas de operacionalidade e rentabiliza esforços; percebe na partilha de experiências, documentos e a material pedagógico não a afirmação de protagonismo individual, mas uma verdadeira afirmação de uma sadia cumplicidade para a melhoria.”

É todo um ideal de profissionalidade docente que se respira nestas páginas densas e leves.

Compromisso

Uma pedagogia do compromisso profissional é um vetor essencial na ação aqui narrada. Em primeiro lugar, um compromisso com a consciência profissional. Se eu sou professor, o meu primeiro dever é comigo próprio: estar científica e pedagogicamente atualizado. Saber analisar os problemas que se me colocam na ação concreta. Em segundo lugar, um compromisso em relação às aprendizagens dos meus alunos. Sendo professor, o meu dever é fazer tudo o que me possível para que os meus alunos

aprendam. Mesmo aqueles que o não querem. É certo que o verbo aprender não se pode conjugar pedagogicamente na forma imperativa: *vais agora aprender isto*. O aluno só aprende se *quiser aprender*, se mostrar uma vontade e uma disposição para aprender. Mas o dever profissional do professor é fazer tudo o que está ao seu alcance para fazer aprender, não sendo eticamente admissível a atitude do *eu ensino, quem quiser aprender que aprenda*. Na linguagem comum, é o clássico *dar a matéria, cumprir o programa*. Mas de que adianta isto se os alunos nada aprendem? A este propósito leia-se uma prática avaliativa relatada quase no final do livro:

“Esperei que todos entrassem e propus: “Para quem quiser (quem não quiser não faz.), tenho aqui um outro teste com o mesmo grau de dificuldade, mas com a possibilidade de utilizar como suporte a apresentação que usei, fotocopiada em anexo.” Olharam para mim, incrédulos: “Podemos? A sério?”.

Respondi que sim. “Mas condicionalmente” -frisei. “Se conta para a avaliação final o primeiro ou este novo teste depende de vós. Se a partir de agora me oferecerem a oportunidade para conseguir ser uma professora com condições para fazer o meu melhor eu ofereço-vos a possibilidade de fazerem o vosso melhor. Aceitar este teste e não o outro como elemento de avaliação depende do vosso compromisso com a mudança. Depende, sobretudo, de como honram esse compromisso. Nas atitudes de todos está a sorte de cada um e na de cada um a sorte de todos.”

Em terceiro lugar, um compromisso com uma ação pedagógica colegial, com um trabalho colaborativa e em equipa educativa. Porque os problemas que a docência enfrenta só são passíveis de resolução se forem analisados, debatidos e perspetivados numa ação articulada da equipa educativa.

Em quarto lugar, um compromisso organizacional. Um professor que quer ser profissional tem de conhecer e de se comprometer com as metas e valores assumidos em sede do projeto educativo de escola.

O compromisso é a outra face da responsabilidade. “Educar para o compromisso é educar para a responsabilidade. E essa pedagogia pode ensinar muito mais do que uma educação para os valores vazia, sancionatória em si mesma, mas desprovida de consequências eticamente reflexivas.”

Comunicação

Uma pedagogia da comunicação é outra dimensão chave do ser professor. Não apenas veicular ou transmitir conhecimentos, conteúdos, ordens. Mas, sobretudo, colocar *em comum, fazer comunidade, construir laços* que permitam realizar progressivamente uma comunidade educativa. Uma pedagogia da comunicação usa a palavra para interpelar, convocar, seduzir, sendo “fundamental estar à altura do legado comunicacional [dos sofistas], da mestria oratória dos que abriram a porta ao ensino como profissão.”

Sabendo, no entanto, que é também preciso aprender a estar calado. Aprender a escutar. Aprender a criar ambientes propícios para uma aprendizagem ativa e transformacional.

Confiança

Confiar no potencial dos alunos. Confiar nos pares, construindo oportunidade de encontro e construção coletiva de uma identidade profissional. Confiar na bondade das pessoas. Confiar nos líderes que estão (devem estar) ao serviço da “comunidade” docente e discente e mesmo da “comunidade” alargada. Confiar nos pais e encarregados de educação. Confiar na missão *humilde* da escola. Confiar no poder emancipatório da educação.

Confiar até prova em contrário. Confiar com exigência, firmeza, seriedade e honestidade. A escola e o mundo serão melhores. A nossa vida será melhor se não nos deixarmos arruinar pelo vírus maléfico da desconfiança.

Construção

Toda a pedagogia aqui narrada é uma construção persistente e laboriosa. Uma invenção permanente adequada aos contextos e às circunstâncias. A ação pedagógica, podendo viver de algumas receitas, é uma permanente procura de soluções à medida das vivências, das experiências e dos conhecimentos que os professores desenvolvem. Por isso, é que têm de ser autores, criadores de sonhos e oportunidades de crescimento. Por isso é que o professor não pode ser apenas o ator que representa um papel que outros escreveram. Precisa de ser autor, criador de oportunidades que viabilizem aprendizagens pertinentes e relevantes para a vida.

Desafio

O desafio, a interpelação, a atenção são ingredientes fundamentais desta pedagogia. “Na segunda-feira seguinte desafiei os alunos a transformar a aula de História numa cápsula do tempo. A ideia pareceu suscitar a sua atenção e logo todos pediram mais explicações. (...) A adesão foi total e a aula de história transformou-se numa aula de investigação para a preparação da viagem (aula) seguinte. A aula viagem era sempre muito divertida”.

A pedagogia do desafio é particularmente importante num tempo em que parece que juventude perdeu a vontade (Marina, 1997). Para descobrir o mistério da vontade perdida [a vontade é a inteligência aplicada à ação, Marina, 1997], temos de persistentemente construir desafios que despertem a vontade de participar, ser parte de um processo de construção e implicação.

Escuta

A pedagogia da escuta ocupa aqui um lugar central. Rubem Alves escrevia que há muitos livros (e cursos) que ensinam a arte da oratória, mas que praticamente não existem cursos de escutatória. Central em quem quer ser professor. O sociólogo francês Michel Crozier (1989) dedicou todo um livro a esta problemática, defendendo a tese de que uma empresa que não se organize para escutar tende a desaparecer. Este pensamento pode ser aplicado à escola e ao professor. Quem não escuta os anseios, as aspirações, os medos, os bloqueios, as ambições tende a ficar só e a morrer. Em numerosas sequências deste livro constatamos a sua aparição: “Ouvi o que me quis contar, disse o que podia dizer. E só pensei: “como se consegue esconder dos outros tanto desencanto, tanta tristeza? (...) Ele precisava de ser ouvido, nem que fosse no seu silêncio de revolta. (...) Chorou. Falou e eu quase só ouvi. No fim pediu-me para usar o lavatório da casa de banho das professoras para lavar a cara. Queria ir para a aula e pediu-me que não contasse a ninguém. “Porquê? Todos vão perceber que estás triste”, perguntei. Ela olhou para mim e disse: “Nunca ninguém reparou.””

Escutar não apenas os alunos. Também os professores. Perceber as razões e os sentimentos dos seus desencantos, do seu alheamento, do seu cansaço e desilusão. A escuta política (e a ação consequente) são um imperativo cada vez mais presente: “O

fundamental é ouvir. Perceber porque os professores estão desmotivados, as escolas exauridas, os alunos sem esperança.”

Esperança

Uma pedagogia da esperança poderia ser o outro título desta coletânea. Ser educador é ter esperança de que a educação e a escola podem fazer a diferença na vida das pessoas e da sociedade. Sem educação não há futuro. Temos de ter essa esperança radical. Philippe Meirieu e Guiraud (1997) falava *na escola ou a guerra civil* de todos contra todos. A escola é esse lugar *quase mágico* de uma socialização para uma cidadania crítica e criativa. Não estou a afirmar que o seja, mas que o poderá ser, o deverá ser.

“Porque a esperança é azul. E o céu é um mar de esperança”. A mãe abandonou, por instantes, a leitura da revista e negou: “não, a esperança é verde. Até se diz: verde como a esperança.” A criança lançou um olhar de desafio à sua mãe e disse perentoriamente: “Não, para mim, a esperança é azul. E não me interessa o que outros dizem!” E acrescentou como que fechando a discussão: “e o céu está cheio de esperança!”. Como as narrativas da Ana Paula.

Numa outra sequência, fala-se de Pandora. Pandora foi curiosa, desobedeceu não por afirmação de princípio ..., mas apenas porque foi curiosa. No entanto desobedecer não foi o maior erro de Pandora. O seu maior erro não foi libertar todos os males que, desde aí, infernizam a vida da humanidade. O seu maior erro foi aprisionar a esperança. Porque a sua desobediência foi irrefletida, ao perceber o seu erro, Pandora não acautelou a única coisa que tornaria a vida menos penosa e com maior sentido: a esperança de que aos dias maus se seguirão dias melhores e que o futuro é sempre um amanhã em que as nossas expectativas em relação a momentos felizes se renovam. O maior erro de Pandora foi matar o sonho de que a felicidade é possível.”

Este é, decididamente, um erro que a Ana Paula não comete.

Inclusão

Em todos os textos, há na sua estrutura profunda, uma afirmação (e uma luta permanente) por escola inclusiva. “É fundamental que a escola seja, também para alunos com dificuldades de aprendizagem, uma boa recordação. Os bons alunos

lembram a escola como o local onde desabrocharam. Os alunos como o Alexandro têm o direito a lembrá-la como um local de entreeajuda, um local onde foi potencializado o pouco com que entraram, sentindo que de lá saíram mais ricos, mais capazes, mais sabedores. “

Pois só assim, a esperança da igualdade de oportunidade de acesso, de frequência, de sucesso e de oportunidades de vida [de que ninguém fala] pode fazer sentido.

Integração

A escola é ainda um mundo balcanizado, desintegrado, desarticulado, desconectado, insularizado, cheia de barreiras e descontinuidades. Saberes, espaços, tempos, anos, turmas, professores. “A educação integrativa é uma nova visão do ensino que preserva a riqueza do que de bom a escola sempre ofereceu como património de conhecimento, mas integrando respostas verdadeiramente alternativas que respondam efetivamente à interatividade e á dinâmica que o nosso tempo exige que saiba alternar apelativamente os tempos de aquisição cognitiva (componente teórica) com a aplicação efetiva dessa aquisição (componente prática). Formas integrativas que façam da escola um laboratório de práticas pedagógicas que adequam ao aluno e não o contrário.”

Investigação-ação

Porque o conhecimento não está todo já feito. Porque ser professor não é debitar a matéria e sumariá-la. Porque um professor tem de estar em permanente reflexão e formação nos contextos específicos da sua ação. Porque uma pedagogia da implicação tem de ser uma investigação-ação. “Na última sexta-feira numa das escolas com protocolo SAME ¹ com que trabalho, os grupos de investigação /ação que tive o privilégio de acompanhar ao longo do presente ano letivo apresentaram aos restantes professores do Agrupamento o resultado das suas reflexões e as respetivas propostas de melhoria de práticas.”

¹ SAME, Serviço de Apoio à Melhoria da Educação, uma estrutura e uma dinâmica de apoio às escolas e municípios da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa, criada em 2010 e de que a autora faz parte.

Liberdade

A liberdade de pensar, de interagir, de criar, de transformar é um ato essencial à ação pedagógica. Em numerosas sequências surge a evidência desta chave. “Hoje, como ontem, é fundamental assumir que somos livres, perceber porque se é livre, sentir-se livre. Em qualquer lugar. Na rua, na escola, no trabalho, em casa...”

Maternagem

Retomo aqui a pedagogia da maternagem enunciada por Roland Barthes: *A terceira prática (de educação) é a maternagem. Quando a criança aprende a andar, a mãe não discorre nem demonstra; ela não ensina a marcha, não a representa (não se põe a andar diante da criança): apoia, encoraja, chama (recua e chama): incita e protege: a criança pede a mãe e a mãe deseja a marcha da criança.*

Nesta bela e breve metáfora de Roland Barthes sobre a educação, somos convidados a ver a relação educativa como uma relação de afeto, incitamento e sedução. Como uma relação de escuta e atenção, como uma manifestação de confiança e presença. É a presença atenta, é o olhar que inspira, é o saber que o outro está lá securizar, para afirmar que a aprendizagem é possível.

Em numerosos exemplos, esta pedagogia encontra-se em ação: na maçã que é dada, no silêncio que é convocado, no filme que é visto, nos diálogos nos intervalos das aulas.

Memória

Sem memória não há pedagogia. Por isso, é vital recuperarmos todos os ensinamentos dos pedagogos de todos os tempos e atualizá-los à luz do presente. Muitos dos seus sonhos ficaram por cumprir. Vivemos hoje um tempo de oportunidade de passagem do “quadro negro” para o quadro “digital”, como vem referindo António Nóvoa. “Vivemos tempos em que a memória não se protege, nem é protegida (como provam as ruínas da casa de Aristides Sousa Mendes). Vivemos tempos em que a memória parece uma forma primitiva de conservar informação. Porque guardar o que nos aconteceu, no cérebro ou no coração, se já há tantos *microchips* que o fazem por nós? Basta fazer um ficheiro. As memórias correm um sério risco de se transformarem em documentos. Que se leem, que se analisam, mas já não se sentem. Os factos são os

factos, mas as memórias dos factos impõem-se e consubstanciam-se no efeito que eles tiveram (têm) em nós.”

Mudança

Diz o senso-comum que resistimos à mudança, que é bom acomodarmo-nos na nossa zona de conforto, e vivermos na e da rotina. A autora não perfilha esta atitude: “A sensatez do meu sistema de defesa (sobrevivência) profissional treinou-me, nestes mais de 30 anos de profissão, para um nível zero de resistência à mudança. Em princípio e por princípio eu parto da premissa de qualquer mudança, mesmo quando não é integradora, pode ser integrável. É viver profissionalmente entre a continuidade e a rutura. Não rejeitando a riqueza do já experienciado, mas abrindo os braços (e sobretudo a mente) ao novo, ao inovador, ao desafio. Recomendo este treino como uma medida profilática que faz bem à saúde e previne muitas doenças do foro mental que ameaçam os professores mais do que qualquer outra profissão.”

E remata esta reflexão explicitando: “*Porque mudar, também na sua de raiz grega μετάνοια (metanoia), significa conversão (tanto espiritual, como intelectual), transformação e não destruição.*”

Otimismo

Como diz a autora, “para os professores ser pessimista não é opção.” Porque se o for é uma tragédia. É uma vida de amargura continuada, fonte de *stress* e esgotamento profissional. Ser otimista é uma atitude de saúde mental. “Dia complicado, véspera de dias melhores. Aulas toda a manhã e grande parte da tarde.”

Paternagem

Falamos da pedagogia da maternagem. Mas a educação é também uma prática de paternagem. De rigor, de ordem, de exigência, de autoridade. Porque sem rigor e ordem não é possível organizar sequências de aprendizagem frutuosas. Sem exigir que cada aluno dê o máximo de si mesmo, o seu projeto de vida fica seriamente amputado. Sem autoridade, o projeto de fazer crescer o outro perde, em grande medida, o sentido. Educar requer, pois, todo um sistema de complementaridades: da razão e da emoção; do corpo e do espírito; do masculino e do feminino.

Persistência

Ser professor é ser persistente. Porque “é preciso matar o monstro! Começemos pelo que vive em nós. É imprescindível que reaprendamos a respirar sem sobressaltos, a arregaçar as mangas, a lutar com convicção. A ensinar aos mais novos que o mérito está em prosseguir, que dias melhores são possíveis. Mostrar, pelo exemplo, que devemos dar o melhor de nós e se não nos sentirmos recompensados pelos olhos dos outros, que a satisfação de ter sido hoje melhor que ontem e ter ambição de que amanhã faremos muito melhor, seja não só a arma que mata todos os monstro, mas a vacina que evitará que ataquem sobre novas e encapotadas formas.”

Promessa

A escola é (deve ser) uma promessa de mobilidade social ascendente [que tem vindo a ser progressivamente mais difícil]. Uma promessa de emancipação da ignorância. Uma promessa de realização pessoal, social e profissional. E esta promessa tem de ser cumprida, sob pena de decepção e de abandono. Para ser cumprida há toda uma conjugação de esforços e vontades aos mais diversos níveis.

“Quando a exaustão nos desmotiva, o trabalho nos pesa e o não reconhecimento do nosso esforço quase nos imobiliza, a fuga não é para o que já sabemos. É para a promessa do muito que há para saber. Uma formação profissional que nos implique, que nos abra uma janela para uma outra visão do ensino, para uma outra forma de trabalhar cognitivamente uma experiência ou teoria científica, não cansa é como uma massagem refrescante no nosso cérebro cansado.”

Redenção

A pedagogia da redenção é o alimento das horas menos boas da vida docente. Somos redimidos de um luto de ser, através de uma palavra, um olhar, um gesto de reconhecimento e apreço. Precisamos de uma política e de uma pedagogia que nos liberte e redima. Que nos conforte e anime. Para que o naufrágio profissional nos não asfixie.

“Arrumo apressadamente o computador e as minhas” tralhas “de apoio, baixando-me para desligar uma ficha. “Oh, professora? “Olho para cima, vejo o Diogo e

penso (“Queres ver que ainda não é desta que vais almoçar?”).” Diz Diogo, que se passa?”

Ele abana os ombros e diz: “É só para dizer que amei esta aula!” e saiu rapidamente.

Sentei-me e alimentei-me do momento. Não com sofreguidão, não. Degustei só um bocadinho. Guardei o resto na lembrança para os dias maus. Para aqueles em que nem todos os doces do mundo apagam a frustração de que pouco foi conseguido.”

Reinvenção

Dizia Almeida Negreiros que *nós não somos do século de inventar as palavras. Somos do século de inventar outra vez as palavras que já foram inventadas.* Na nossa profissão é essa atitude que temos de adotar. “Usei toda a minha capacidade para reinventar formas de ensinar, cativar a atenção e interesse dos alunos e penso que assimilaram o conhecimento do assunto em estudo. Amanhã avaliarei se foi verdade ou apenas a minha vontade de que fosse assim.”

Serviço

Uma pedagogia de serviço, de estar ao serviço do desenvolvimento do outro, dos outros. Uma liderança servidora. Que implica conhecimento, proximidade e entrega. Com refere a autora, “mas a capacidade para uma liderança servidora, ouvinte, colaborativa, humanista e democrática é, como diriam os brasileiros, “uma questão de pele” ou se tem ou não se tem. (...) Uma visão estratégica da liderança exige um posicionamento ético de serviço. O cargo deve ser visto como uma oportunidade, mas não de si para si, mas de si para a escola. “

Sorriso

Dizia o Eugénio de Andrade que o sorriso foi quem abriu a porta. Muitos professores sabem disso. O sorriso pode abrir as portas do coração e das inteligências. Este livro também o confirma. “Sentou-se. Abriu o saco e viu que estava cheio de esplendidas cerejas. Lembrou-se do que se tinha passado na aula e uma lágrima correu-lhe pelo rosto. Ela tinha direito à sua saudade, mas os seus alunos tinham direito ao seu sorriso.”

A Ana Paula Silva sabe que vive *uma profissão única*. Sabe que é uma privilegiada. Vive com a alegria e a esperança e a confiança e o otimismo estampados no rosto. No corpo e na alma do ser professora. E que se apercebe “que posso ser tudo isto numa profissão só. Mais, posso, como em nenhuma outra, potenciar estas ambições em muitos jovens. Um professor pode ser a nascente humanista que faz a diferença. Um professor pode fazer germinar nos seus alunos o respeito pela pessoa sobre a coisa, a ética sobre o interesse egoísta, a criatividade sobre a visão espartilhada e acrítica.”

E estas são as razões e os sentimentos da *imortalidade* do professor. Como um dia também escreveu Rubem Alves: “Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...”

É assim a *imortalidade* da Ana Paula Silva. Viverá sempre no olhar daqueles que tocou e cativou.

Referências

- Alves, R. (2003). *A Alegria de ensinar*. Porto: ASA
- Bourdieu, P (1987). Propostas para o ensino do futuro. *Cadernos de Ciências Sociais*, n.º 5, pp. 101-120
- Crozier, M. (1989). *L'Entreprise à l'écoute*. Paris: InterEditions
- Formosinho, J., Alves, J., Verdasca, J. (2016). *Nova organização pedagógica da escola. Caminho de possibilidades*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão
- Marina, J. A. (1997). *El misterio de la voluntad perdida*. Barcelona: Anagrama
- Meirieu, P. & Guiraud, M. (1997). *L'école ou la guerre civile*. Paris: Plon